

OS PASTORES DO AÇO: NOTAS SOBRE CORPO, TRABALHO E MASCULINIDADES DOS FLANELINHAS DE SOBRAL//CE.

Márton Tamás Gémes¹
Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes²

RESUMO

Esta pesquisa etnográfica aborda acerca da construção da masculinidade nas ruas da cidade de Sobral/CE. Busquei compreender como ocorre o processo de construção de masculinidades de sujeitos sociais que vivem de pastorear carros em lugares públicos. Neste sentido, eu faço uma abordagem antropológica a partir de masculinidades de homens que elaboram subjetividades nos processos de vida: práticas laborais, corporais, lúdicas e nas experiências afetivas, através de conflitos e interesses que demarcam os ritos societários da construção do sujeito. Desse modo, a análise aqui expressa sobre a masculinidade no cotidiano dos flanelinhas que vivem em situação de exclusão nas ruas e praças da cidade. Eu teci algumas redes de relacionamentos com estes homens no “território de trabalho” Lado Esquerdo da Igreja São Francisco, Praça e Mercado Municipal, lugares sociais, geofísicos e simbólicos, onde se desdobram as diversas formas de interações sociais e reciprocidade entre os flanelinhas e outros agentes. Busquei compreender como eles vivenciavam a invisibilidade e rejeição social traduzidas em várias formas de violências infligidas pelo não reconhecimento dos direitos de igualdade e liberdade. Dessa forma, escolhi me aproximar da situação sem rodeios. A possibilidade ou sombra do medo não me afetava nesta jornada etnográfica que propus realizar acerca das experiências de sujeitos que vivem e morrem na linha de abismo da miséria, do sofrimento e do medo da perda do apossamento de si.

Palavras-chave: Pastor de carro, Corpo, masculinidade, Território.

INTRODUÇÃO

A minha escolha de explorar a vivência nesses lugares se justifica que pelo fato de que os flanelinhas estavam ali. Assim, busquei compreender como eles vivenciavam a invisibilidade e rejeição social traduzidas em várias formas de violências físicas e simbólicas, infligidas pelo não reconhecimento dos direitos: de igualdade, liberdade e cidadania. Dessa forma, eu escolhi me aproximar e entender a situação sem rodeios ou inseguranças. A possibilidade ou sombra do medo não me afetava nesta jornada etnográfica que propus realizar acerca das experiências de sujeitos que vivem e morrem na linha de abismo da miséria, do sofrimento e do medo da perda do apossamento de si

A pesquisa teve a duração de dois anos (2017/2018). Tratei de compreender como a masculinidade se revela a partir de práticas, comportamentos, atitudes, discursos e afetos que se desenrolam no cotidiano do pastor de carro (flanelinha). Para compreender esta produção

¹ Doutor em Lusitanistik pela Universität zu Köln / Alemanha, mgemes@hotmail.com;

² Doutora em Ciências Sociais Universidade Federal do Rio Grande do Norte ivaldinetedelmiro@gmail.com;

de sujeitos generificados, busquei realizar a prática da observação direta, e alargada com as narrativas dos pastores de carro das ruas e praças de Sobral.

No início da pesquisa, entendi que o campo de trabalho desses sujeitos sociais, é um território marcador e definidor das várias formas identitárias de gênero e das masculinidades, que se corporificam através das interações sociais e interseccionalidade de classe, geração, corporeidade, etnia e gênero. Compreender o cotidiano do homem que trabalha como pastorador de carro – *flanelinha* – é penetrar no contexto físico e simbólico das classes populares é buscar identificar a experiência de classe e gênero traduzida em uma linguagem das experiências, dos gestos e ações produzidas nos rituais da vida cotidiana da cidade.

Não existe classe social como entidade abstrata. Uma classe social negocia com outra por meio de seus representantes, que tampouco são entidades abstratas, mas pessoas. Todas as relações humanas são interpessoais, na medida em que são agenciadas por pessoas, cada qual com sua história singular de contatos sociais.. SAFFIOTI (2015, p.86).

Na perspectiva de compreender a dimensão da masculinidade nas experiências de vida dos homens flanelinhas. Parti da premissa de que estas experiências estão intimamente relacionadas às dimensões de classe, etnia e gênero. Daí, eu articulei minha postura, atitude e condição étnica/generificada com a postura do Outro. Afinal é nesta postura que experimento o mundo. É também o lugar que eu me defino e me afirmo socialmente. Assim, eu fui ao campo na condição de mulher/negra que alimentava de uma enorme empatia pelo Outro. Neste processo de vivência no campo eu vi era essencialmente produto de uma atitude ética, solidária e afetiva. Esta situação singular demonstrava que a barreira foi quebrada, a senha funcionou. Era o momento de conversa sem rodeios, eu procurava ouvi-los dentro de uma situação específica, a rua, o trabalho, as dores, as trocas e os estigmas.

METODOLOGIA: Eu mergulhei na dimensão dos pastores de carros. A pesquisa etnográfica é a descrição desses pastores de carro na dimensão laboral. Naquele sol escaldante das ruas, praças, becos e vielas da cidade. Eu estava com eles na rua, eu sentia a pele queimando pelas altas temperaturas (42° Graus) da cidade. A garganta ressecada, eu sentia muita sede, calor e a intensa luz do dia do sol sertanejo que atravessava a minha retina, muitas vezes, aumentava a minha sensibilidade física e a minha pressão intra-ocular. Eu estava com eles em poucas horas e me inquietava saber de como meus interlocutores suportavam as condições de trabalho.

A sensibilidade de mulher, negra e pesquisadora das camadas subalternas aflorava em mim, os laços de afetividade e explodia a vontade de amar o outro sem medos imaginários. E no encontro entre minha autoestima e o sofrimento do outro, fui direcionada pelas estratégias

resilientes, onde eu fui diretamente influenciada e marcada por uma relação de respeito, solidariedade e confiança, cumplicidades entre eu e “os rapazes excluídos”. Nossos destinos foram (de certa forma) dimensionados, de certa forma, pelo apoio afetivo e pelos processos de entrelaçamento e empatia que mantivemos antes, durante e depois desta pesquisa. E me parecia tudo tão singular. Era o momento de conversa sem rodeios, eu buscava ouvi-los dentro de uma situação específica: a rua, o trabalho, as dores, as brincadeiras, o sorriso e os estigmas.

DESENVOLVIMENTO: O fanelinha é marcado pelas contingências da vida árdua, pela falta de trabalho fixo, pelo estigma, pelo caos provocados pelo sistema liberal. Desta forma pude perceber que esses homens eram excluídos por vários motivos, como pelo fato: de ser ex-presidiário, de ser dependentes químicos de álcool, de crack, desempregado, por ser portadores de HIV e de outras doenças infecto-contagiosas, famintos e desnutridos, desidratados, analfabetos, queimados pelos raios solares e por tantos outros sofrimentos.

Nesse contexto, no espaço da rua, eu fui “afetada”, foi deslocando-me entre as praças e avenidas da cidade, que eu pude viver os dramas desses atores sociais. Portanto, a rua é um lugar que eu defino aqui, como o Lugar de atitude, de performances, de conflitos, de trocas, de trabalho e “bicos”, lazer, de afetos e de outras sociabilidades. Neste aspecto, afirma Rolnik (2002, p.66) que: “A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias da formação do desejo no campo social, O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo inventar pontes para fazer a sua travessia: pontes de linguagem.” Foi assim que eu me senti na rua, construindo várias pontes de comunicação e afetos para atravessá-las no limiar do fazer acadêmico.

Neste sentido a rua é uma configuração espacial e temporal, onde os atores sociais prescrevem e circunscrevem seus códigos, regras e estratégias de sobrevivência. É um espaço onde é ordinário o aprendizado de uma linguagem. A linguagem da Rua. Um código que também tive que aprender com alguns homens flanelinhas.

No que se refere à linguagem da rua, posso afirmar que esta se manifesta a partir das diversas dimensões elaboradas pelos atores que evidenciam as experiências e dificuldades e fluidez. A peculiaridade desse espaço é demarcada pela configuração de cada grupo ou sujeito sociais. Nestes aspectos, DaMatta (1997) afirma que a rua é um espaço onde se desenrolam ações éticas e culturais, pois:

Não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo, entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 1997).



Este território é marcado, e aqui definido, não só pelas características topográficas ou pelos processos líquidos da mobilidade urbana das ações e experiências transitórias dos apressados e transitórios indivíduos. Mas, é também demarcado, pela dialética da construção do mundo do trabalho, da corporeidade, o universo das emoções, dos afetos, das identidades de gênero, dos conflitos étnicos, das divisões sociais, do agir histórico e pelas relações de poder que permeiam o cotidiano desses atores sociais.

Nessa perspectiva, percebo aqui que as relações sociais são modeladas pelas relações de poder entre os grupos que mantem a hierarquia social além de se tornarem agenciadoras ou, meras instâncias de dispositivos, controle, de punição que naturalizam ou normatizam as regras sociais e as identidades dos indivíduos. Como analisei alhures, em meu trabalho sobre a masculinidade e o lazer.

Na visão de Garcia (2006) a forma de socialização de nossa sociedade transmite e estabelece valores hierarquizados e espaços generificados, e, estes definem os códigos e símbolos que regulam as relações de poder e prestígio em um contexto cultural determinado. Nesse sentido os espaços proclamados de espaço de homem e espaço de mulher são resultantes do tipo de socialização que foi construída.

Os modelos de estruturação de alguns espaços são definidos por sistemas de práticas fechadas, diga-se de passagem, com a necessidade de estabelecer as regras de pertença. Não se fundamenta em um mero espaço de uso. O que o define é a intencionalidade dos atores em demarcar com seus códigos e regras sociais.

Nos processos de objetivação e subjetivação os seres humanos, elaboram ações, práticas e discursos como uma forma de falar de si através da linguagem do corpo, do trabalho, do afeto, da política, do lazer, do poder e da sexualidade. Pois:

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (Louro 1998, p.23):

Na contemporaneidade as representações corporais podem ser encontradas como matéria de experiências no âmbito das práticas e movimentos do corpo humano no mundo permeado pelos processos sociais e pelas redes e dispositivos de criações de intencionalidades e escolhas dos sujeitos sociais diferentes e generificados na aldeia global. Nessa aldeia os indivíduos mantêm relações entre si como sujeitos reais e virtuais que se conectam a partir de cada experiência do e no mundo.



Nesta narrativa fiz um recorte de sentidos e experiências. Em plena manhã de domingo de outubro por volta das 8:43m, eu estaciono o carro no lado esquerdo da Rua desembargador Moreira. E quando desço do automóvel vejo que o meu já velho conhecido pastor de carros se aproximar de mim. Com um sorriso eu lhe dou um bom dia. A conversa é boa. Fico na escuta de sua fala tranquila. Começo com aquela pergunta costumeira. Como foi a semana. São coisas significativas que são faladas e gestualizadas pelo corpo e voz desse Pastor de Carro:

Na semana quando eu chego em casa estou sempre muito cansado, pois na empresa que trabalho o serviço é pesado, porque é serviço de limpeza. E eu ainda ajudo nos trabalhos de casa, faço alguma coisa, lavo o banheiro, olho a comida quando a mulher fica olhando os meninos. Tenho dois meninos e a mulher estar esperando uma menina. Estamos muito felizes agora, esse momento. Também a mulher ganhou uma casa lá no Caiçara e melhorou as coisas lá em casa. (Pastor de Carro de Sobral)

O momento da fala desse flanelinha muito específica. Pois, ele apresenta a interpretação do sentido da vida cotidiana, do seu mundo traduzido na expressão do corpo marcado cansaço do trabalho pesado na empresa. Fala das atitudes e comportamentos no espaço da casa, da limpeza do banheiro, cuidado no preparo da comida, da alegria da terceira filha que nascerá. O homem que trabalha fora e auxilia a companheira com os afazeres doméstico. É o seu modo de compreender o ordinário, a vida que segue nas ações e ritos.

RESULTADO E DISCUSSÃO Dessa forma, em cada fio de conduta humana eu percebi a elaboração do aprendizado no processo de construção do “ser homem” e do “ser mulher”. Nesta relação com o mundo e com os outros os indivíduos se reinventam e manifestam suas performances físicas e simbólicas nas esferas do espaço público e do espaço privado. Ainda percebo que é importante destacar que nas relações cotidianas, os sujeitos apreendem o mundo nas transgressões de regras e na demarcação de lugares no mundo. Como escutei na rua esta narrativa de um pastor de carro:

A minha luta é diária faça sol ou faça chuva a senhora vai sempre me ver aqui. Posso ser flanelinha e pobre, mas sou gente como qualquer um. Já agüentei muita coisa nesta vida. Mas, eu não abro mão para ninguém. Não tenho medo de nada. Quem vier, eu enfrento de peito aberto. Principalmente cabra safado que aparecer aqui. Pra esse tipo eu trago é isso, (mostra arma branca). Sou homem, e me orgulho disso. Gosto de ser bem tratado por pessoas como a senhora. Sou pai e quero ver meus filhos com saúde. Peço a Deus todos os dias para ter o que levar para casa para eles. (Pastor de Carros, J. P.)

Neste sentido, quando os pastores de carros -flanelinhas- transgridem as regras, assimilam, criam novos comportamentos e performances eu compreendo e identifico como uma maneira de mostrar atitude e assumir o empossamento de si em espaço demarcado socialmente. É, pois, no agir dessas práticas desviantes ou não, que os indivíduos executam formas na construção dos novos processos de subjetivação, construção, afirmação da masculinidade e de identidade.

Para Butler (2002) a identidade é um construto performativo que se constitui numa teoria complexa. Para esta autora, o sujeito é um ator que se põe de pé e encena sua identidade em um palco de sua própria escolha. Na análise de Butler (2002) a Identidade de Gênero é uma sequência de atos (existencialismo), mas afirma que não existe um ator (performer) preexistente que pratica esses atos. O sujeito é um construto performativo. Para esta autora, o sujeito existe em processo, pois está construído no discurso pelos atos que executa. Butler (2003) se afasta da noção de que sexo, gênero e sexualidade existem de maneira mútua. Exemplo de que alguém é biologicamente fêmea de porte e exiba traços femininos e tenha desejo por homens. Ainda afirma que gênero não é natural, assim não é necessário a relação entre o corpo de alguém e seu gênero. Por isso pode existir uma fêmea masculina e um macho feminino. Butler (2003) questiona: Existe um corpo físico anterior ao corpo percebido? O corpo não é um fato da natureza, tal como o gênero, ele é construído por ela.

É uma forma de afirmar a correlação entre o gênero e as demais formas societárias: classe, trabalho, meio urbano e ambiente. Pois, neste sentido as identificações de gênero são pautadas na materialidade de muitos conflitos dos descontínuos movimentos da história humana. A abordagem de gênero é compreendida aqui, a partir de uma dimensão de masculinidade, territorialidade e exclusão dos indivíduos dos processos de trabalho. Este fato é percebido através da pouca ou nenhuma visibilidade social dos sujeitos que são os protagonistas desse estudo.

O conceito de invisibilidade social está diretamente relacionado à noção de exclusão social. Em sua obra Giddens (2005) procurou trabalhar o conceito de modernidade aceitando a inevitabilidade da diferenciação social. (GIDDENS, 2005). Trata-se de indivíduos que foram, ao longo do tempo, excluídos do mercado de Trabalho Formal, devido não possuir as exigências do mercado, não ter qualificação, e devido às situações pessoais, como: doenças psíquicas, baixo nível de escolaridade, ex presidiário, e principalmente aos problemas de uso de drogas lícitas e ilícitas. Por outro lado, trata-se de sujeitos que são excluídos economicamente do sistema de produção capitalista. É importante ressaltar que, uma grande parte desses pastores de carros, antes de se tornarem trabalhadores informais já haviam assumido outros tipos de trabalhos: artista, professor, agentes de limpeza geral, cozinheiro, artesão entre outras, mas que por algum motivo, perderam seus postos de trabalhos e não voltaram para o mercado formal.

Antes de vim trabalhar na rua, eu tinha meu emprego em uma loja de tecidos. Daí a loja fechou e todos os empregados foram parar na rua. Eu vim para aqui, e estou nesta situação há uns cinco anos. É uma luta diária para levar as coisas para casa. Fico pensando na vida, como tudo é difícil, eu vou vivendo nesta, fico pastorando os

carros. As vezes um cidadão dar uns trocados, mas, às vezes, eu não ganho nada e ainda sou visto como um marginal. Eu só estou fazendo o meu trabalho aqui patroa, não faço nada de errado entendeu? (C.P Pastor de carro, 32 anos).

Sobre estes aspectos, trago aqui para a discussão, outro conceito de exclusão social de José de Sousa Martins (1993, p:100) que o analisa, a partir da perspectiva das relações sociais capitalista de produção tanto no campo, como na cidade:

A exclusão é uma noção que abrange as minorias subalternizadas e marginalizadas de diferentes categorias sociais, tanto no campo como na cidade. A sujeição desses indivíduos, a diferentes ordens de privações, não só no plano econômico, mas também no político, social e cultural. Considerando o universo dos sujeitos sociais dessa pesquisa. Trata-se de uma exclusão integrativa, em que a utilidade das populações excedentes está na exclusão do trabalhador do processo de trabalho capitalista e sua inclusão no processo de valorização por meio de formas indiretas de subordinação do trabalho ao capital. (MARTINS, 1993, p:100).

Durante a investigação, o processo de aproximação com os pastores de Carro ou flanelinhas do Largo da Igreja de São Francisco e dos outros territórios da cidade, foi permeado pelas relações de trocas simbólicas, afetivas, solidárias e profissionais, no sentido de estabelecer um melhor envolvimento com o mundo social construído pelos sujeitos envolvidos nesta teia de. Era uma manhã de sol, mais precisamente, o dia 09 de setembro, quando eu cheguei ao Mercado Central, estacionei o carro, desci e o Senhor Antônio (nome fictício do Pastor de Carros) aproximou-se com muita atenção, sua fala era calma e muito educado me perguntou:

Bom dia patroa, cadê o patrão. Tá tudo bem com a senhora? Respondi. Estou bem, o patrão ficou em casa dormindo. Como você está? Como estão as coisas? Quer conversar um pouco. (Diário de Campo). Estou bem Patroa, hoje tá tudo tranquilo. Esse local é bom para trabalhar porque eu venho todos os fins de semana e fico aqui. Esse era o ponto de um amigo, mas ele deixou eu ficar aqui, antes, nós trabalhávamos juntos neste local. Hoje eu fico aqui, porque ele colocou um negócio para ele. Eu passo a semana trabalhando em uma firma e nos finais de semanas venho para cá. O que você faz na firma? Eu trabalho na limpeza, mas o salário é muito pouco. (J. L. B. Pastor de carros).

Nesse momento no campo de pesquisa, a aproximação com “o outro” foi marcado pelas tramas do jogo de intersubjetividades entre eu e os demais atores envolvidos no palco de suas experiências. Essa identificação e convivência com flanelinhas na rua foram tecidas ao longo de muito tempo (15 anos). Foi demarcada pelas relações sociais, culturais, simbólicas e pela geografia dos afetos, geradas nas sombras de muitos preconceitos sociais produzidos.

Neste momento, eu resgatei de minha memória de moradora da cidade há mais de vinte anos as circunstâncias, convivências e conversas que tive com Elias, um homem jovem, pastorador de carro, tinha parentes na cidade e era pai de uma menina, ele vivia à margem da sociedade. Elias era membro de uma “família tradicional” da cidade de Sobral, mas devido ao

fato de ter se transformado em um alcoolista, ele viveu e sentiu na pele vários tipos de preconceitos dos moradores da cidade.

Elias morreu no devaneio etílico da vida, quando eu o encontrava na rua (ao lado da Igreja São Francisco) estava sempre com os olhos vermelho da cor de sua flanela. Elias me mostrava a garrafa com sua provisão de aguardente diária. Aquele homem jovem tinha uma cor pálida devido ao estado de seu fígado fragilizado pela cirrose, o seu corpo estava sempre fatigado pelo calor das altas temperaturas, pela bebida (cachaça) e pelo trabalho de cuidar e lavar carros. Ele viveu no processo da embriaguez e morreu nas esquinas da exclusão.

Neste contexto notei que o meu envolvimento com a temática era a própria experiência ancorada pela memória de cada narração histórica. Como afirma Michele Bertrand (2008, p.25): “O relato permite reintroduzir temporalidade na representação e, assim, transformar o traço em pensamento, a cena em roteiro, a revivescência em lembrança”.

Nesta minha experiência compreendi que as formas de relacionamentos e trocas sociais não estão prontas nem acabadas nesse espaço social e simbólico. Elas foram recriadas e reinventadas no processo das descontinuidades de cada devir. Neste sentido descrever e observar o modo de vida a partir da atividade corpórea de lavar e guardar carros dos pastores de carro (trabalhadores informais – flanelinhas) e as formas de estabelecer ou recriar relações sociais constituiu uma experiência que envolveu trocas de sentimentos, mutualidade de interesses, ética, subjetividades e muitas afetividades.

Por isso eu vou agora recorrer ao discurso de Porteli (1997, p: 9) quando aponta que, para fazer pesquisa, os dois sujeitos sociais (pesquisador e pesquisado) devem se reconhecer a partir da mutualidade de interesses ou de condições de igualdade, pois esse fato reside no reconhecimento e na constatação da diversidade dos horizontes individuais de cada ator em seu universo cultural. Pois:

A entrevista de campo não, por conseguinte não pode criar uma igualdade, que não existe, mas ela pede por isso. A entrevista levanta em ambas as partes uma consciência de necessidade por mais igualdade, a fim de alcançar maior abertura nas comunicações. Desse modo que a hierarquia desigual de poder da sociedade cria barreiras entre pesquisadores e o conhecimento que buscam, o poder será uma questão central levantada, implícita ou explicitamente, em cada encontro entre o pesquisador e o informante. (PORTELI, 1997, p.9).

No ambiente da pesquisa pude perceber a forma descontraída que MC envolvia-se com as suas e os seus clientes. Em determinada ocasião de setembro de 2016 eu fiquei em campo por 3 horas. E presenciei muito afeto e brincadeira que acontecia no desenrolar do seu ambiente de trabalho. Em determinada manhã ficamos conversando e eu observava a relação afetiva que este agente social mantinha com as pessoas que se aproximava dele.

Em todo momento ele estava sempre pronto para auxiliá-las com as manobras de estacionar em determinada vaga. Ajudá-las com as manobras de estacionar os carros. Com os clientes homens percebi muitas brincadeiras e conversas amigáveis. Teve um momento, que eu observei como ele foi chamado por uma moradora do lado esquerdo da rua onde fica situada a Igreja São Francisco, era uma pessoa que morava na vizinhança para resolver um pequeno problema ordinário. O rapaz teria que pegar as garrafas de água e levar para dentro de casa da referida dama. Porém ele penetrou no interior da residência e conversou um pouco com a dona de casa. Parecia-me que a relação era de intimidade entre eles. MC estava sempre com um sorriso no rosto enquanto conversava comigo. Todos os sujeitos que se aproximava ele conversava ou fazia alguma brincadeira. Parou um carro de mudança e dois homens se aproximaram de nós. Um deles estava com uma garrafa bebendo algo e repassou-a para que meu interlocutor tomasse. Nós permanecíamos envolvidos na conversa. Chegava e saía às clientes em seus automóveis. Eu observei que naquele horário e lugar, a maioria das pessoas que usava as vagas de estacionamento eram pessoas do sexo feminino. Compreendi o sentido da metamorfose “através do acionamento de códigos associados a contextos e domínios específicos, que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos” (VELHO, 2003, p.29). Percebi a relação entre as escolhas e a pluralidade significativa dessa.

Nessa oportunidade, Mc me relatou muitas histórias revividas em sua memória. No contexto da pesquisa os sentidos atribuídos pelos narradores sobre os eventos vividos carregavam intrinsecamente a avidez de compreensão dos desertos afetivos, da exclusão social, econômica, e cultural impregnados na plasticidade dos acontecimentos que modelam suas existências. Como aponta nesta narrativa feita por M.C:

Eu já sofri muito nesta vida, passei por muitas coisas. Eu me considero um andarilho que experimentei de tudo um pouco. Eu fiquei 12 anos e seis meses no regime prisional. A minha pena foi toda cumprida em regime fechado e lá na cadeia eu fiz muitos amigos, mas foi difícil. Meu crime foi porque eu matei o assassino de meu pai. Eu amava o meu pai ele fazia furtos. Eu fiquei seis anos atrás do cara que assassinou meu pai. Mas, quando encontrei ele, eu matei e eu tirei um peso de minhas costas. Eu não me arrependo do que fiz. Depois que sai da prisão passei seis meses em busca de trabalho. Daí eu consegui ficar neste ponto. Foi muita disputa para ficar aqui. (Pastor de Carro M.C).

Para ficar no espaço ou Território demarcado de Trabalho foi um período de grandes conflitos com outros sujeitos que ali permanecem, seja na vida e situação de dependência química, seja com outros indivíduos que disputavam o espaço como território de trabalho. É notório identificar que o território demarcado como local de trabalho dos flanelinhas é um local que compreendem as práticas sociais construídas a partir da gramática dos conflitos

cotidianos. Esses conflitos são erguidos no sentido de se fazer perceber pelas atividades e lutas corpóreas. Veja esta narrativa:

Quando eu cheguei aqui era a Goreti que estava aqui, mas como ela vivia muito *noiada* com a pedra de *crak*, ninguém confiava nela. Eu cheguei e tinha que fazer minha parte, respeitar as pessoas, ajudar e fazer o que era certo, fazer o meu serviço direito. O padre falou se eu domasse os leões que estavam aqui, que o ponto era meu. Teve um dia que tive que acertar as contas com um cara que roubou meu balde (instrumento de trabalho). Mas eu dei uma lição nele. Porque ele andava com um pedaço de ferro para me pegar, mas eu expulsei ele com muita pancada, ele sumiu, foi agora lá para perto do Rainha. Aqui na rua é assim, se bombear a gente dança. Eu me dou bem com todo mundo, mas, tenho que ficar esperto. (Pastorador de Carro M, C, 36 anos, casado).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Por último, eu notei que o lugar nas proximidades da Igreja São Francisco, era repleto de ações de vários sujeitos, foi nesse lugar de eu estava observando cotidianamente como os flanelinhas se expressavam através dos ritos corporais como: o trabalho de lavagem de carros, o som da música cantada e ouvida por eles, a reza, lazer, passeios, brigas, brincadeiras, trocas econômicas e afetivas e conflitos. Assim, pude aqui compreender que este lugar passou agregar elementos de dominação de gênero e construção da masculinidade. Aqui eu aponto o corpo como construção do político, ou seja, “o corpo representa “um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas”. (BUTLER, 2003, p.551).

A rua foi ressignificada pelo pastor de carros que eu conheci e entrevistei. Para ele a Rua é antes de tudo o seu espaço de trabalho e de luta permanente pela sobrevivência. Antes quem assumia essa função era a Goreti que foi expulsa do lugar de forma violenta (próxima pesquisa). A Goreti era uma leoa fácil de ser domada, pois além do vício do crack, não sabia gerenciar sua vida, vítima das contingências da vida e pelo estilo Ser mulher. Entendo aqui que, nesta realidade, a rua passou a ser para as mulheres um espaço de dor, tragédia, violências, sofrimento e exclusão social.

O lugar ou território é um conceito que traz um sentido de pertença do grupo, por outro lado, ele pode ser definido a partir de três dimensões, como: o local, as configurações em que relações sociais são construídas, os processos sociais e econômicos que operam em escalas mais amplas e o senso de pertencimento local. (John Agnew, 1995),

Este autor oferece-nos uma compreensão da escolha deste conceito, referindo-se ao lugar, como ambiente de configurações do mundo do trabalho dos pastoradores de carro abrangendo a noção de campo de ação. A ideia de território de pertença como ambiente de trabalho, de relações sociais, de lutas e conflitos me possibilita, igualmente, descrever a Praça, o Lado Direito da Igreja São Francisco e as ruas das vizinhanças do mercado Público de

Sobral, como sendo um campo de ação social repleto de fazeres e saberes difusos elaborados pelos agentes sociais excluídos e invisíveis.

Na gramática da exclusão atual, a saída e a mobilização dos trabalhadores de empregos formais para as funções em situação de trabalhadores informais ou precarizados, tem se intensificado devido à nova reestruturação produtiva e pela ausência de políticas públicas que atendam as demandas dos diversos setores, extratos e grupos sociais. e sociedade. O conceito exclusão é demasiadamente complexo, dentro do qual podem ser identificadas várias categorias de desigualdades.

A exclusão social pode ser definida como uma combinação de falta de meios econômicos, de isolamento social e de acesso limitado aos direitos sociais e civis, representando uma acumulação de fatores sociais e econômicos ao longo da vida cotidiana que são caracterizadas por padrões de educação e de vida, saúde, violência, desigualdade social, miséria, injustiça, exploração social e econômica. A exclusão social está relacionada a um processo histórico pela relação de impacto da pessoa humana em sua própria individualidade, de maneira que a exclusão acontece em grupos, ambientes e situações, nas quais, quem estar fora das margens estipuladas pela sociedade, sem possibilidade de participação é um ser excluído do social. (MARTINS, 2002, p.45)

O trabalho informal, na sociedade contemporânea, é socialmente tido como uma atividade compulsória e muito desvalorizado, sendo, portanto, aquele que o exerce torna-se um indivíduo invisibilizado socialmente. O indivíduo que pastora e lava carro nas ruas, nem sequer é reconhecido como um trabalhador, por isso há tensionamentos em torno da sua atividade laboral e as demais formas de atividade absorvida pelo mercado.

Neste sentido, compreendi que a atividade de pastorear e lavar carros, embora demande de tempo, de energia gasta, de responsabilidade, de habilidade por parte daqueles assumem esta atividade não é, na maioria das vezes, reconhecida e nem valorizada. A partir do grande avanço das tecnologias, da economia globalizada e da própria sociedade em si, os que não conseguem acompanhar essa evolução (por uma série de fatores), acabam excluídos socialmente.

No processo de elaboração deste trabalho, eu pude analisar sobre a masculinidade através do modo de vida, das histórias narradas pelos pastores de carro de Sobral/CE. A partir desta etnografia, eu pude perceber que no desempenho corporal e nas jornadas laborais, os homens flanelinhas vivenciam a masculinidade através de projetos e subjetividades. Eles penetram, constroem e demarcam as linhas do território de trabalho. Cotidianamente vão traçando redes de relacionamentos com outros sujeitos sociais que transitam nos territórios demarcados.

Eu percebi que, o processo de resistência e de impor-se diante das circunstâncias (altas temperaturas, falta de banheiros, falta de comida, de água, e de afeto e outros) é uma forma de quebrar as fronteiras existentes entre a exclusão e o apossamento de si. Compreendi também que neste território é construída cotidianamente uma forma de masculinidade através da linguagem da rua, das trocas afetivas, de alguns atos violentos (brigas) pelo controle do Lugar de trabalho, e especificamente pela narrativa de cada sujeito que conheci, observei e abracei. Essas práticas são espécies de interações que definem os atributos de gênero e reforçam o que defino por masculinidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNEW, John. **Hegemony**: the new shape of global power. Philadelphia: Temple University Press, 2005.

_____; CORBRIDGE, Stuart. **Mastering space**: hegemony, territory and international political economy. London. Routledge. 1995.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Mário Lúcia Pereira. 8ª Edição. Campinas: Papirus, 2010.

BANTIER, Elizabeth. XY. **Sobre a identidade masculina**. 2. edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

Bertrand, M. (2008). **Construir um passé**: inventer du possible? Trabalho apresentado no 68º Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa. Genebra, Suíça. 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHECETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2004.

CONNELL, Robert. **Políticas das Masculinidades**. Educação e realidade. Porto Alegre. 1995.

CYRULNIK, Boris. **Falar de Amor à beira do abismo**. Tradução: Claude Berliner. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2006.

GARCIA, Sandra. **Homens na Intimidade**: Masculinidades Contemporâneas. Ribeirão Preto: Holos Editora. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade: uma perspectiva pós-estruturalista. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, José de Souza. **Reflexão crítica sobre o tema da “exclusão social”**. In: A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 45)..

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, Patriarcado e violência**. 2ª Edição. São Paulo Expressão Popular. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 339.8

SCHPUN, Mônica Raísa. **Masculinidades**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.